

---

# Biblioteconomia e Ciência da Informação Evolução Conceitual ou Revolução Tecnológica? Reflexões de Leitura

CÉLIA REGINA SIMONETTI BARBALHO

**A** necessidade de informação acompanha o homem desde suas origens. O homem da Pré-História aprendeu a escrita como forma de preservação e sobrevivência de sua cultura. O homem medieval conviveu com o conhecimento restrito às imposições da igreja cristã. O homem industrial, preocupado com os processos de produção, fragmentou seus conhecimentos conforme suas necessidades e especializações. O homem contemporâneo organiza sua atividade econômica com base no conhecimento, gerando portanto, a mercadoria de excelência da chamada pós-modernidade: a informação.

A chamada «terceira revolução» ocorreu com o desenvolvimento da indústria da informática e com a propagação da comunicação possibilitando ao homem assistir ao vivo e em cores à Guerra do Golfo Pérsico, em 1991, por exemplo, dentro de sua casa, sentado em sua poltrona.

Mas, de que forma se deu esta passagem? Como esta situação «pós-moderna» influencia as, hoje chamadas «unidades de informação» (bibliotecas, centros de documentação)?

Na Antiguidade, habilidade do artesão era repassada somente para os aprendizes que seriam mais tarde novos mestres e assim perpetuavam o conhecimento.

Com a Revolução Industrial e a introdução de máquinas no processo de produção, o homem necessitou disseminar o conhecimento e concentrar a produção em espaços únicos, gerando assim as organizações.

Com a disseminação do conhecimento, a invenção da imprensa por Gutemberg e a necessidade de criar-se organizações cada vez mais especializadas com objectivo de aumentar a produção de bens para consolidar o capitalismo, a geração de novos conhecimentos criou o *big-bang* informacional.

Tudo isto, reunido mais tarde à informática, nos leva ao que hoje comumente chamamos de Era da Informação, influenciando o surgimento do que Drucker (1993) chama de capitalismo da informação.

Isto reflete diretamente na propagação dos meios de produção e divulgação de informações (indústrias de comunicação) e em especial nas instituições que atuam como entreposto de informação: armazenando-as, assegurando a precisa recuperação e efetuando eficazmente sua divulgação visando a produção de novas informações a partir das já armazenadas que por sua vez produzem novas informações e assim por diante, gerando um ciclo ou fluxo sistêmico.

Estes entrepostos são hoje denominados unidades de informação, que são «supermercados de informação» onde a compra não implica na perda da posse (ou do valor) para quem vende. Isto permite a compreensão da evolução do conceito de bibliotecas, diretamente ligado ao emprego de novas técnicas de recuperação da informação ou ainda a complexidade e/ou ampliação de sua atuação: biblioteca, centros de documentação, centro de informação e atualmente unidades de informação.

A isto associa-se o desenvolvimento progressivo ocorrido no gerenciamento destes entrepostos de informação que, a partir de meados da década de 70, no Brasil, passaram a adotar conhecimentos oriundos de outras áreas, com por exemplo *marketing*, contribuindo para evolução também do conceito de seus «utilizadores»: consultante, leitores, usuário e atualmente cliente.

Pode-se analisar também a evolução partindo da denominação do profissional: bibliotecário, documentalista e cientista da informação.

E claro que a esta evolução acompanhou a própria denominação e questionamentos da área: biblioteconomia ou ciência da informação? Qual a diferença?

A ciência da informação está associada ao estudo do comportamento e propriedades informacionais — como se produz informação, como são geradas novas informações com base nas já existentes, etc.; e a biblioteconomia está inserida no conceito tecnicista estando relacionada à coleta, processamento do armazenamento e difusão da informação.

Sabe-se que a evolução tecnológica é parte do processo histórico de desenvolvimento da Humanidade; entretanto ela vem sendo incorporada



nas unidades de informação de fora para dentro e sua aplicação é restrita à automação de serviços tradicionais, não havendo uma preocupação em inovar através dela e muito menos de utilizá-la como forma de contribuir para o fim social a que deve servir a informação.

A ciência da informação valorizou um segmento — ciência e tecnologia, na qual se investe e se investiu no país nos últimos anos e que desvaloriza a função social da informação.

Evolução conceitual ou revolução tecnológica, ambas estão diretamente associadas a qualquer área que trabalhe com a informação, entretanto, o que se faz mais necessário à ciência da informação ou à biblioteconomia é a resposta às seguintes perguntas: a quem servimos? Para que servimos? E porque servimos? Isto nos conduzirá à verdadeira compreensão da missão profissional.

Como compreender a função social da informação e/ou das unidades de informação nesta nova Era?

Roszak (1988) questiona sobre o papel atual da informação e a pouca participação que as unidades de informação possuem neste processo, especialmente quando se coloca que a informação é princípio básico da cidadania e entretanto pouco tem servido à sociedade que dela necessita em função da automatização ou mesmo da indisponibilidade de recursos.

O elo necessário entre o computador e as unidades de informação encontra maior obstáculo no principal objetivo do desenvolvimento da informática: na verdade a comercialização para indivíduos e não para grupos, que ainda segundo Roszak (1988), se beneficiariam gratuitamente com os computadores nas unidades de informação como forma de complementar as fontes já existentes e nunca para substituí-las.

Para Lyotard (1990) entretanto, o saber será produzido para ser consumido, para ser valorizado e a falta de conhecimento manterá a constituição capitalista da força de trabalho. Drucker (1993) afirma ser incontestável a posição da informação na economia mundial, entretanto para ele isto implica somente em uma nova forma de manutenção do sistema existente que ele denomina de «capitalismo da informação», necessitando ainda da compreensão do comportamento econômico e da produção de riquezas através dela.

A compreensão do papel social da informação dependerá também do entendimento que será originário dos «conflitos de classes» existentes nesta nova Era.

Para Drucker (1993) estes conflitos serão entre os trabalhadores do conhecimento e os trabalhadores em serviços, as novas classes desta sociedade, que para Lyotard (1990) se acentuará através da terceirização e em

especial pela *performance* de «cada qual que é entregue a si mesmo. E cada qual sabe que si mesmo é muito pouco».

Roszak (1988) defende que o papel social das unidades de informação será o de tornar acessível os meios eletrônicos àqueles que não poderão possuí-los.

Entretanto os três autores são unânimes em afirmar que o verdadeiro desafio daqui para frente não é a tecnologia, mas sim o uso que será feito dela. E em especial os indivíduos desta nova Era necessitam ser instruídos, possuir conhecimentos que possibilitem sua compreensão sobre o mundo e a forma de viver. E é aí que reside a função social das unidades de informação.

### Bibliografia de apoio

DRUCKER, Peter

*Sociedade pós-capitalista*. São Paulo: Pioneira, 1993.

LYOTARD, Jean-François

*O pós-moderno*. 3.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

ROSZAK, Theodore

*O culto da informação*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

**RESUMO** Desde sempre, a necessidade de obter informação tem caracterizado a actividade humana. O surto da informática deu uma nova faceta a essa necessidade e ao próprio uso que se faz da informação. Uma mudança que afecta também o conteúdo funcional dos profissionais da informação.

**ABSTRACT** *The need for information has always been present in all human activity. The computer science boom granted a new aspect to that need, and also to the application being given to computer science. After all a change which affects the role of information professionals.*

**ENDEREÇO** Universidade Federal do Amazonas. Av. Eng. A. F. de Paula Souza,  
**ADRESS** 3007, Bloco 6, Apto. 23, Cond. São Gabriel, Bairro Jardim São Gabriel,  
CEP 13.040-370 CAMPINAS — SP, Brasil